

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
ESCOLA DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

**“LIVRO DE UMA SOGRA”:** os livros dentro  
do livro de Aluísio Azevedo

BIANCA PIMENTA

UNIRIO  
JANEIRO/2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
ESCOLA DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

**“LIVRO DE UMA SOGRA”:** os livros dentro  
do livro de Aluísio Azevedo

BIANCA PIMENTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
a Universidade Federal do Estado do Rio de  
Janeiro, como parte das exigências para a  
obtenção do título de Licenciada em Letras

Orientador: Prof. Dr. Marcelo dos Santos

UNIRIO  
JANEIRO/2019

BIANCA PIMENTA

**“LIVRO DE UMA SOGRA”:** os livros dentro  
do livro de Aluísio Azevedo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
a Universidade Federal do Estado do Rio de  
Janeiro, como parte das exigências para a  
obtenção do título de Licenciada em Letras

Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Marcelo dos Santos (orientador)

---

Profa. Dra. Fabiana Bazilio Farias (avaliadora)

## **Resumo**

**Palavras-chave:** Aluísio Azevedo. Livro de uma sogra. Intertextualidade. Século XIX.

O livro de uma sogra foi o último romance de Aluísio Azevedo. Foi escrito no século XIX no Rio de Janeiro. Esse romance trata da vida de casada de Olímpia, uma mulher oriunda de uma família tradicional, que chegada a hora de casar a única filha, começa a busca por um marido ideal para a filha, Palmira. E é através de Olímpia que Azevedo discorre sobre o casamento. O principal tema do livro.

Dona Olímpia procura encontrar o segredo para uma vida conjugal feliz e duradoura. Para isso, ela pesquisa algumas obras que abordam o tema. Com a leitura do romance, o leitor pode observar a intertextualidade que a história traz. Dentro do livro existem outros livros que ajudam a contar a história.

Essa obra traz uma nova perspectiva ao mundo literário no século XIX e abre um novo olhar sobre o universo feminino com um ponto de vista da mulher sobre o casamento.

**ABSTRACT**

A mother-in-law's book was Aluísio Azevedo's latest novel. It was written in the 19th century in Rio de Janeiro. This novel deals with the married life of Olympia, a woman from a traditional family, who came to marry her only daughter, begins the search for an ideal husband for her daughter, Palmira. And it is through Olympia that Azevedo talks about marriage. The main theme of the book.

Dona Olimpia seeks to find the secret to a happy and lasting married life. For this, she looks for some works that approach the theme. With the reading of the novel, the reader can observe the intertextuality that the story brings. Inside the book are other books that help tell the story.

This work brings a new perspective to the literary world in the nineteenth century and opens a new look at the feminine universe with a woman's view of marriage.

## **AGRADECIMENTOS**

**Quero agradecer aos meus pais Jorge Luiz Pimenta e Conceição Pimenta e ao meu irmão Raphael Pimenta, que com muito carinho e apoio, não mediram esforços para a realização do meu sonho. Agradeço ao professor Marcelo Santos pela dedicação e paciência na orientação da minha monografia. Sou grato a todos os professores que foram muito importantes na minha vida acadêmica. Aos amigos e colegas pela força e torcida para que tudo desse certo.**

**SUMÁRIO**

<b>1 – INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 – APRESENTAÇÃO DE <i>LIVRO DE UMA SOGRA</i> E CONTEXTO .....</b>	<b>9</b>
<b>2.1 – O final do século XIX no Brasil: sociedade e matrimônio .....</b>	<b>9</b>
<b>2.2 – A trama de <i>Livro de uma sogra</i> .....</b>	<b>12</b>
<b>3 – LEITURA DE <i>LIVRO DE UMA SOGRA</i>: A CITAÇÃO E OS LIVROS DENTRO DO LIVRO .....</b>	<b>19</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>32</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho é importante por tratar sobre uma época interessante que foi o século XIX. É curioso imaginar como puderam ter sido os costumes e a maneira de pensar nessa época do Rio de Janeiro: um período bem anterior ao atual, e que por isso desperta muito interesse. E os livros literários e os jornais eternizam e ajudam a construir esse imaginário desse século.

Em pleno século XIX, o Rio de Janeiro, a capital do Brasil na época, despontava lentamente como uma das maiores economias do país e responsável por ter bairros muito charmosos e uma sociedade burguesa tradicional.

Mostra também o ponto de vista dos autores e o que motivaram a escrever as obras. São nesses romances, muitas vezes que se conhece mais sobre a história de vida dos escritores brasileiros e aproxima leitor e autor.

O “Livro de uma Sogra”, embora fosse de um autor conhecido, é um romance pouco conhecido e por isso apresenta várias questões novas para abordar.

Essa obra abarca várias outras, trazendo uma intertextualidade ao livro. A proposta é fazer com que o leitor tenha o contato com essas outras obras e perceba como Aluísio Azevedo trabalhou isso.

## **2 – APRESENTAÇÃO DE *LIVRO DE UMA SOGRA* E SEU CONTEXTO**

### **2.1 – O final do século XIX no Brasil: sociedade e matrimônio**

A sociedade carioca do Rio de Janeiro do século XIX foi marcada por vários acontecimentos históricos como: a chegada da família real em 1808, a independência do Brasil em 1822, o surgimento do Romantismo no Brasil em 1836, a entrada de imigrantes, a maioria de italianos para a plantação de café em São Paulo, a chegada das indústrias, mudando de vez o quadro econômico do país, e ao final do século dos grandes eventos sociais que marcariam de vez esse século que foram a abolição da escravatura e a proclamação da república que pôs a baixo de vez a monarquia.

Com as mudanças econômicas, o Brasil que antes apresentava uma economia baseada no campo com a agricultura e com mão de obra escrava, passa aos poucos a obter uma economia baseada na indústria, essas localizadas no meio urbano, assim atraindo as pessoas que moravam no campo para a cidade.

No século XIX, a capital do país era o Rio de Janeiro. A cidade obteve influências europeias afetando o estilo de vida da população, principalmente das classes mais altas da sociedade. A arquitetura da cidade também sofreu inspirações de países europeus, a Avenida Rio Branco, localizada no centro do Rio, foi construída com base nas avenidas largas de Paris na França. Também da França vinham às mercadorias que eram vendidas aqui. Teatros e restaurantes surgiam e copiavam a moda francesa. A aristocracia da época também fazia questão de utilizar traços dessa cultura, como roupas e acessórios da cidade luz. Por outro lado, como os recursos financeiros eram mais abundantes na capital do que em outras regiões,

a população do estado triplicou e com isso aumentou o número de epidemias, miséria e violência.

Com a abolição da escravatura e a migração dos moradores das áreas rurais para a capital, há uma sobrecarga e a cidade não apresentavam moradias para todos. Aqueles que possuíam condições de pagar aluguel, moravam em cortiços e os que não haviam condições moravam em barracos nos morros, dando início as favelas. Com o tempo, era explícita no Rio de Janeiro a grande desigualdade social, pois os ricos residiam em palacetes na zona sul da cidade, enquanto os pobres ocupavam a zona norte, a maioria em cortiços e favelas.

Com o alto número de pessoas dividindo o mesmo espaço dentro dos cortiços e que estes lugares não apresentavam higiene, houve o aumento das doenças contagiosas como a varíola e a rubéola que proliferaram facilmente entre os mais pobres que possuíam baixo acesso à ajuda médica.

A família do século XIX era conservadora e patriarcal, seus valores baseavam-se nas regras da igreja católica. A família considerada ideal era formada pelo pai, mãe e os filhos e às vezes podiam morar com eles alguns agregados como avós, tias ou tios. E também, se a família houvesse condições, uma governanta que fazia parte dos empregados da casa.

Se antes era comum que as famílias arrandassem casamentos entre pessoas que nunca se viram, agora os pais, que, de acordo com os manuais de etiqueta importados da França, entendiam as necessidades dos filhos melhor do que eles mesmos, começaram a estimular encontros entre o possível casal, para que o interesse mútuo e a atração sexual fossem despertados. Nesse pacto matrimonial, a questão do dote não estava mais em pauta. Se comparado ao período colonial, os proprietários dotavam suas filhas com menor frequência e com quantidades de bens cada vez menores, pois “o sustento dos recém-casados passou então a depender cada vez mais da contribuição do marido, quer em bens, quer por seu emprego, fortalecendo-se desse modo a sua condição de negociador. (NAZZARI, 2001, p. 211). O casamento também

poderia ser para o homem uma forma de se inserir e prosperar no mercado de trabalho, através do qual ele conseguiria estabelecer sua família e conquistar o respeito da sociedade.<sup>1</sup>

O homem era considerado o chefe e responsável pela a família. Era dele o papel de sustentar a casa e proporcionar uma educação de qualidade aos filhos homens. Por que as filhas mulheres possuíam pouco ou nenhum acesso aos estudos e assim, ficavam restritas ao ambiente doméstico.

A relação entre os pais e os filhos era muito restrita. Havia uma distância entre eles. Pois, os pais tinham que manter o respeito e a ordem dentro de casa. A figura materna era a responsável por passar as filhas um comportamento considerado aceitável para a sociedade e preparar a menina para o casamento. A família era muito importante para a sociedade do século XIX. O casamento era considerado status, pois representava poder e estabilidade social. Na elite brasileira, geralmente, os casamentos eram arranjados, eram escolhidos pelos pais, e a decisão deles era incontestável, o filho que se rebelasse podia ser deserdado e até expulso de casa. Os critérios para a escolha do cônjuge se fazia baseado na condição financeira, religião, honra, status social e até a cor. Já nas classes sociais mais pobres, muito desses critérios não eram levados em consideração. Em casa, todos deveriam sem contestar, sujeitar-se à vontade do chefe da casa, o mais velho, o pai.

O papel da mulher no século XIX era muito restrito tanto as mulheres de classes mais altas quanto das classes mais baixas ficavam encarregadas de cuidar da família e do lar. Com a industrialização da cidade, as mulheres das classes menos privilegiadas tiveram que ir trabalhar para ajudar no sustento da casa. E nas

---

<sup>1</sup> Cf. Renato Tapioca, Disponível em: <<https://rainhastragicas.com/2017/08/01/casamento-um-contrato-social-praticas-matrimoniais-no-brasil-oitocentista/>>. Acesso em 20 dez. 2018.

fábricas em que trabalhavam, obtinham uma carga horária exaustiva e sem nenhum atendimento adequado nas máquinas pesadas em que manejavam. Os pais costumavam pensar que a educação para as filhas era supérflua. Portanto, os pais que tinham condições financeiras ensinavam as meninas a tocarem piano, um pouco de francês e bons modos já seriam o suficiente para que a moça pudesse caçar um bom partido e casar, pois assim as mulheres mais velhas da família eram criadas. Uma mulher que soubesse os afazeres domésticos já era o suficiente.

As mulheres do século XIX eram submissas e sujeitas à vontade do marido. O divórcio é aceito nessa época, mas para a lei era considerado mais a vontade do marido do que da esposa. Porque para um homem se divorciar do cônjuge não precisava de muitas provas de que o casamento não deu certo, porém, se a mulher quisesse o divórcio, então não era tão fácil de conseguir, pois ela teria que provar o motivo da separação.

## **2.2 – A trama de *Livro de uma sogra***

No *Livro de uma sogra* de Aluísio Azevedo, a personagem principal Dona Olímpia viveu nesse ambiente machista. Só após a morte do marido, ela passa a ter mais poder sobre a casa e sobre si mesmo. Ela é apresentada no livro como uma matriarca, uma mulher forte, poderosa e muito sábia. O livro conta a trajetória de vida de Olímpia no momento em que conhece o marido até a morte dela. No início da história, ela era uma moça ingênua e inexperiente que com o passar do tempo e a vivência, torna-se uma mulher mais confiante e uma mãe zelosa, que busca o bem da filha Palmira e que esta seja bem-sucedida na vida conjugal. Baseado na experiência de vida e no poder econômico que possuía diante da sociedade, Olímpia

esforça-se para encontrar um marido confiável e impedir que a filha fosse infeliz no matrimônio. A mãe queria impedir que a filha se divorciasse do marido, assim como Dona Olímpia se divorciou do esposo em uma época em que a desunião não era comum e nem bem vista pelas pessoas do século XIX.

No entanto, Olímpia no tempo em que permaneceu casada foi uma mulher que se preocupou em seguir as regras matrimoniais, ou seja, casou-se virgem, não obteve relações extraconjugais. Ela foi uma mulher dedicada a casa e a família. Portanto, era uma mulher recatada, conforme se exigia para ser considerada uma boa esposa.

Após a morte do marido, a sogra assume uma personalidade diferente da qual ela costumava apresentar. Provavelmente, ela teve que obrigatoriamente ser uma mulher mais forte psicologicamente para ocupar um lugar que tradicionalmente é do homem. Então, ela desempenha esse papel com muito cuidado para proteger a família.

Naquele tempo, não era comum uma mulher na idade de Dona Olímpia casar-se novamente. Ela se casa com César Veloso, um médico que ela conheceu após o nascimento de Palmira. Eles sempre tiveram uma afeição pelo o outro quando jovens, mas por causa dos contratempos da vida não puderam concretizar o amor que um sentia pelo o outro. O amor que Olímpia nutria por César, era um amor acima do amor carnal. Diferente de Virgílio, com o doutor, dona Olímpia encontrou o amor fraternal e intelectual que buscava:

Desde esse momento capital da minha vida, compreendi que era também amada por ele como a irmã eleita por sua e por sua inteligência. E fizemo-nos amigos para sempre, unificamo-nos em espírito, tornamo-nos moralmente inseparáveis por um tácito consórcio de absoluta confiança um pelo outro. (AZEVEDO, 2001, p. 93)

A relação dela com o genro era uma ligação distante, pois não agrada o fato de a sogra ter tanto poder sobre o casamento da filha, porém por gostar da esposa, ele aceita a superioridade de Olímpia. Pois, antes do casamento se concretizar foi acordado com o consentimento dele que teria que ser assim.

O relacionamento entre mãe e filha é de cumplicidade e confiança. Há momentos em que mesmo Palmira não concordando com a mãe, ela tende a ceder, pois sabe das boas intenções da matriarca. Por outro lado, Olímpia entende algumas atitudes da filha, justamente por já ter vivido por isso quando era jovem: “Sim, minha filha era a minha vida, porque era o meu verdadeiro amor. Se eu não tivesse outras razões para conservar-me honesta e digna, depois da ausência e da morte de meu marido, tê-lo-ia feito só pelo muito que a amava.” (AZEVEDO, 2001, p. 35)

Dona Olímpia foi amada pelo o marido, assim como ela o amou. Ambos foram felizes no casamento, mas que culminou na separação do casal. Após a morte do marido, Olímpia põe em ação o desejo do marido de casar a filha com um bom homem que pudesse fazê-la feliz. E para isso, ela faz uma minuciosa análise sobre o casamento ideal no ponto de vista dela. Como seria o comportamento adequado para um bom esposo e os desejos desse homem. A sogra faz um estudo crítico no comportamento da mulher e do homem antes de se casarem para que consigam um matrimônio feliz para que os erros do casamento da mãe não se repitam no casamento da filha.

Essa obra foi escrita por Aluísio Azevedo em 1895. Aluísio foi um escritor e jornalista brasileiro que nasceu em São Luís do Maranhão no ano de 1857 e possuía um irmão chamado Arthur Azevedo que era dramaturgo. Aluísio foi o responsável

por trazer o movimento literário naturalista ao Brasil com a publicação do livro “O Mulato”. Além desse, escreveu “O Cortiço” e “Casa de Pensão” e a última obra foi “O Livro de uma Sogra”.

Diferentemente das obras anteriores, esse livro foca na relação conjugal. A relação de Palmira e Leandro é acompanhada por Dona Olímpia desde início. Por medo de que a filha passe por situações semelhantes as dela, Olímpia preocupa-se em controlar o matrimônio do casal para que a relação não finde.

Segundo o autor Jean Yves Mérian (2013), que fez uma análise do “Livro de uma Sogra”, seguindo outra linha diversa das obras anteriores, diz que essa obra não trata sobre nenhuma questão política como a república e nem social como a escravidão. O autor naturalista foca em temas recorrentes sobre o casamento, a condição da mulher e do divórcio. Isso desapontou alguns críticos da época, pois esperava-se que Aluísio fosse dar continuidade sobre temas sociais e políticos, como ele havia iniciado em “O Cortiço” e “O Mulato”. Porém, Azevedo possuía um projeto para escrever um livro que abordasse assuntos políticos, criticando alguns problemas da época, inclusive o governo. Ele coletou documentos para pautar a história com o provável título de “O Capital”.

E o Aluísio Azevedo que nele encontramos não é mais o do Mulato, nem mesmo o do Cortiço: é um Aluísio novo, surpreendente, inaugurando uma maneira desconhecida, revelando uma face inédita do seu vigoroso talento. Não há no livro de uma sogra preocupação de Naturalismo, nem intenções de fisiologismo. É um livro de pura especulação psicológica, um estado cerrado e forte do eterno problema do amor no casamento. (MAGALHÃES, 2001, p.241)

MAGALHÃES, Valentim.

No entanto, com a investigação do governo sobre alguns autores, e Azevedo foi um deles, acusado, possivelmente, de tramar contra a república. Com isso, o escritor ficou desanimado a continuar o enredo do livro. Após isso, ele decide

escrever o “Livro de uma Sogra”, que além de explorar sobre assuntos já recorrentes como: o matrimônio e o papel da mulher, ele traz algo de novo, o debate sobre o divórcio. Porque no século XIX, não era comum desfazer um casamento. A separação, na maioria das vezes, ocorria quando o marido solicitava alegando a falta de preparo da mulher em ser uma boa esposa ou acusando-a de traição. No entanto, quando era a mulher quem pedia a separação, raro eram as vezes que era legitimado a desunião do casal.

No século XIX, Aluísio traz à tona a diferença entre divórcio e separação. Alguns defendiam o divórcio para aqueles que não eram católicos enquanto outros diziam que a separação era para os católicos.

Provavelmente, um dos objetivos de Aluísio deva ter sido suscitar uma polêmica sobre o divórcio e a separação que já ocorria entre os intelectuais da época, e Azevedo reforça esse debate entre as duas formas de pensar.

Esse romance gerou muita repercussão, inclusive o irmão do escritor Arthur Azevedo falou sobre a obra e disse que ao ler o livro, lembrou-se da mãe deles e que, provavelmente, a personagem Dona Olímpia deve ter sido inspirada na mãe dos irmãos Azevedo, pois assim como Olímpia se separou do primeiro marido, a mãe dos dois também se separou do primeiro marido porque sofria maus tratos. Arthur percebeu a semelhança da mãe com a personagem principal e que caso a mãe estivesse viva e soubesse do que se tratava o romance, se identificaria com a personagem principal do livro de Aluísio.

Essa obra recebeu muitas críticas como as dos escritores Ferreira de Araújo e José Veríssimo. O primeiro disse que os personagens, principalmente, Olímpia não imitam a realidade, são fictícios e Araújo critica também a não valorização do amor físico.

Já Verissimo criticou o casamento opondo-se assim aos ensinamentos da sogra. Outro autor, muito conhecido, que leu o romance foi Machado de Assis. Porém, ao contrário dos outros, Machado elogiou a obra dizendo que esse romance fez com que Azevedo abandonasse de vez o naturalismo e isso trouxe um novo estilo de escrita para as obras de Aluísio.

O crítico Valentim Magalhães comparou o “Livro de uma Sogra” com a obra “Sonata a Kreutzer” de Tolstoi. O crítico acusa Aluísio de se inspirar nessa obra para escrever o “Livro de uma Sogra”. Azevedo não gostou dessa acusação e após isso Valentim se retratou.

Embora Aluísio conheça a obra de Tolstoi, esta não o inspirou a escrever seu último romance. Apesar dos dois romances tratarem do casamento, os motivos que levaram a criação deles são diferentes assim como as conclusões.

No romance de Tolstoi, ele diz ser contra o casamento baseando-se na própria vida íntima. Assim como a igreja, Tolstoi defendia a relação sexual somente para a procriação. Para ele, o casamento era apenas invenção da igreja e que com a castidade o indivíduo conseguiria aproximar-se de Deus como segue o trecho a seguir:

O ideal de Deus está no amor de Deus e do próximo, na renúncia de si mesmo, para servir a Deus e ao próximo. Ora, o amor carnal, o casamento constituíam um culto de si mesmo e, conseqüentemente, formam um obstáculo para o serviço de Deus e da humanidade; logo, do ponto de vista cristão, é uma decadência e um pecado. (TOLSTÓI, 1890, p.101)

Ou seja, Tolstói afirma que o amor espiritual estava acima do amor físico. Portanto, percebe-se que a visão de Tolstoi e de Azevedo em relação ao casamento

eram totalmente distintas. Por isso, não se pode afirmar que o livro da sogra tenha sido inspirado no romance de Tolstoi.

Então, Aluísio Azevedo ao escrever o “Livro de uma Sogra” aborda vários temas que envolvem a questão da mulher e da sociedade no século XIX, falou do amor entre mãe e filha e trouxe à tona a discussão do divórcio no Brasil naquela época.

### **3 – LEITURA DE *LIVRO DE UMA SOGRA*: A CITAÇÃO E OS LIVROS DENTRO DO LIVRO**

No *Livro de uma sogra*, há várias referências a outros livros. O primeiro capítulo começa com um trecho do livro “Memórias do Egotismo” do Stendhal, escritor francês do século XIX: “...Ce travail offre un autre découragement: que de choses hardies, et que je n’ avance qu’ em tremblant, seront de plats lieux comuns dix ans après ma mort...”<sup>2</sup>

Esse livro aborda as memórias da vida do escritor no século XIX e que, provavelmente, Aluísio coloca esse trecho no livro para fazer referência à história da sogra. Pois, assim como Stendhal fez em “Memórias de Egotismo”, Dona Olímpia faz isso com o manuscrito dela. Mesmo após a morte dela, tudo que ela escreveu no diário irá permanecer para ser lido pelas gerações posteriores.

Stendhal também procura analisar a sociedade em que vive em suas obras. Esse diário de Dona Olímpia traz a vida de casada da matriarca e o que ela pensava sobre o casamento. E, baseado nos textos sobre o matrimônio em que ela leu ao longo da vida, ela não só escreve como também coloca em prática o que ela aprendeu com eles e com a própria experiência.

Retornando ao Stendhal que também escreve uma espécie de diário como Olímpia, ela fala das situações que ocorreram com ele e que ao escrever essas circunstâncias irão ficar registradas. Daí a importância da escrita. Pois, se não fosse a escrita as situações da vida iriam ficar só na memória e iriam ser facilmente perdidas mesmo que fossem passadas através da oralidade de pessoa para pessoa.

É interessante observar que o primeiro capítulo não há título e logo há essa citação ao livro de Stendhal. E quem começa contando a história é o amigo solteiro

---

<sup>2</sup> Tradução: “... este trabalho oferece um outro desencorajamento: das coisas ousadas, as quais eu só alcanço tremendo, serão perfeitos lugares-comuns dez anos depois da minha morte.”

de Leandro, o genro de Olímpia. Esse livro, “Memórias de Egotismo”, é uma reflexão de Stendhal sobre a própria vida e a sociedade em que ele vive. Assim como o amigo de Leandro que ao voltar da Europa, se ver sozinho aos 35 anos e pensa na possibilidade de se casar. Ao aparecer esse trecho no livro da sogra a respeito do amigo do genro que ali faz uma pequena reflexão sobre a própria vida o que coincide com a vida do Stendhal que viveu sozinho por muitos anos e que depois disso escreve “Memórias de Egotismo” analisando a própria vida e a sociedade da época.

A figura da mulher representada por duas personagens em Azevedo mostra duas oposições. Mesmo que Olímpia quando jovem tenha seguido as regras para ser uma boa mulher, na velhice, ela assume uma outra faceta de sua personalidade, e Aluísio deu esse lugar de fala a uma mulher no livro, a maior parte da história é narrada por uma mulher. Algo totalmente novo para a época. Para preservar os costumes, Azevedo cria a personagem da Palmira que vai representar esse conservadorismo em relação a figura da mulher no século XIX.

Ao ler o livro de Aluísio é natural lembrar do Machado de Assis que era contemporâneo a ele. Embora, não haja citação no romance ao Machado e o fato dos dois pertencerem a escolas literárias diferentes, Aluísio e Machado reforçam a imagem que já existia da figura feminina. A imagem que a mulher seria um ser frágil, doce, sofrido, obediente e com o desejo de casar, que Aluísio representou muito bem com a personagem de Palmira. Uma jovem doce, obediente e desejosa por casar. Assim como a personagem do romance Helena, cuja personagem principal leva o mesmo nome da obra.

Helena é representada como uma mulher frágil, doce, romântica, porém, muito forte. E outras personagens em Machado não são só sensíveis e românticas.

Elas possuem um lado forte ao mesmo tempo. E, em Azevedo, esse lado menos sensível é representado pela mãe de Palmira, Dona Olímpia. Que por sinal, lembra a mãe de Bentinho no romance Dom Casmurro em que Dona Glória, a mãe do Bento que de certa forma possui o domínio sobre o único filho, assim como Olímpia em relação à Palmira. A aproximação pode ser vista nessa passagem:

— Em que lhe posso valer anjo do céu? Não hei de dissuadir sua mãe de um projeto que é, além de promessa, a ambição e o sonho de longos anos. Quando pudesse, é tarde. Ainda ontem fez-me o favor de dizer: "José Dias, preciso meter Bentinho no seminário."  
(ASSIS, 1899, p.25)

Em busca de casar a filha Palmira e fazer com que ela encontre a felicidade no matrimônio, Olímpia começa a debruçar sobre as questões que envolvem um bom casamento. Isso tudo para que a filha não sofra com o marido.

Jurara, pois a mim mesma, e a memória de meu marido, que minha filha seria feliz. Mas como realizar esse ideal?  
Eis a questão. Vejamos:  
Dar-lhe um marido, quando chegasse à idade do amor?...  
Mas, se o meu, que fora tão bom, tão leal, e tão justo, não conseguiria proporcionar-me a felicidade?  
Dar-lhe um amante? (AZEVEDO, 2001, p.42)

Dona Olímpia chega até a falar sobre um amante para a filha a fim de este proporcionar-lhe a felicidade duradoura. Porém, a mãe concluiu que nem um bom marido, como ela possuiu foi capaz de proporcionar a tal felicidade, portanto, quanto mais um amante.

Então, assim a sogra vai discorrendo sobre a diferença entre o marido e amante e qual deles seria mais apropriado para se obter um matrimônio ideal: "O marido é sempre para a mulher uma garantia do presente e uma garantia do futuro;

o amante é nada mais do que um incidente arriscado. O marido é uma conquista social; o amante é um sacrifício feito ao amor.” (AZEVEDO, 2001, p. 42)

Ao explorar as características de um bom marido, a sogra parece retirar essas informações de um manual de boas maneiras da época. Um manual para ser uma boa esposa, só que Olímpia inverte colocando o homem como o personagem principal ao invés da mulher.

E mais: o bom marido deve recolher-se à casa sempre cedo; não sair para o passeio ou para o teatro sem levar a família; evitar a convivência mundana com todo o indivíduo que for popular e apontado a dedo. Não lhe convém igualmente, e nem por sombra, a menor relação de amizade com os agitadores de ideias e com os artistas reformadores.” (AZEVEDO, 2001, p.45).

Dona Olímpia cita até as mulheres romanas antigas acreditando que estas fossem mais felizes no casamento do que as mulheres do século XIX. Pois, as romanas não queriam aparecer mais que os maridos. Não se colocavam superiores a eles. Cada um possuía o seu papel bem delimitado na Roma antiga. E sentiam-se bem sendo mulheres do lar que cuidavam dos filhos e afazeres domésticos: “As romanas antigas, talvez se divertissem menos, porém deviam ser muito mais felizes no interior do lar do que as nossas esposas modernas; e eram mais felizes porque eram mais mulher, e os seus homens eram mais homem.” (AZEVEDO, 2001, p.52)

Já a mulher burguesa do século XIX admirava àquele homem que houvesse status social para que ela subisse socialmente e saísse da sombra do marido. Esse tipo de mulher não queria ser vista como uma mulher do lar e ambicionava esse tipo de homem para ascender socialmente, porém, segundo a sogra isso geraria uma disputa entre o casal, o que seria fatal para a felicidade conjugal.

O que fatalmente acontece, no caso vulgar dessa tentativa de emparelhamento no vôo da ambição do homem público, é que a mulher não consegue subir com o esposo, nem fica também no ponto donde nunca devia ter saído – o lar, que é o seu posto de honra, e onde tanto mais ela cresce quanto afunda.

Dai o desequilíbrio doméstico e a infelicidade de parte a parte, quando no casamento o marido é um homem notável ou ambicioso. (AZEVEDO, 2001, p.54)

Há também no “Livro de uma Sogra” uma citação aos mórmons que faziam parte da “Igreja de Jesus Cristo dos santos últimos dias”. Eles fazem parte de uma seita, chamada Mormonismo que dizia que só a poligamia podia realizar o grande intuito do matrimônio que, baseado na bíblia, era a procriação e assim obter a felicidade conjugal.

E entendem que só a poligamia pode realizar o grandioso fim do matrimônio – multiplicar e apurar a espécie; e que ela é a regra instintiva e natural em toda a extensa ordem dos mamíferos que povoam a terra, e que ela é ainda a garantia da felicidade conjugal e dos direitos fisiológicos e sociais da descendência. (AZEVEDO, 2001, p.75)

Embora, Olímpia não concordasse com os princípios do mormonismo, foi através deles que a sogra quis consultar a bíblia e foi nela que Olímpia encontrou a chave para a felicidade do casamento da filha e após isso a mãe com a ajuda do César colocou em prática o que ela aprendeu no livro sagrado.

No romance de Aluísio Azevedo há várias referências à bíblia. Ao abordar sobre a felicidade conjugal, Dona Olímpia revela muito do que pensa em

relação à vida a dois. E que não basta só o amor carnal para se obter a felicidade durável, é necessário unir o amor fraternal e o amor intelectual.

Do resultado dessas minhas observações, vim a perceber que, sendo a procriação um instinto, e sendo o amor um sentimento, o grande mal, ou o grande erro, do matrimônio vulgar, consistia no disparate de querer harmonizar e unir, para os mesmos fins, essas duas cousas distintas- sensualidade e amizade- tão contrárias entre si, e tão antipáticas e até perfeitamente incompatíveis. (AZEVEDO, 2001, p.95)

O amor fraternal seria a amizade. A mulher perceber que possui um amigo, além de um amante e o amor intelectual é a admiração pela capacidade de sensatez do homem, admiração de um lado mais racional. Porém, é muito difícil unir tudo em uma só pessoa.

Compreendi que a mulher – para procriar, precisa de um homem, de um varão escolhido pelos seus sentidos; e - para amar, precisa de um amigo, de um irmão, eleito pela sua alma e pela sua inteligência. O associado do seu corpo, em caso nenhum, pode ser o associado do seu espírito, ou vice-versa. (AZEVEDO, 2001, p. 95)

Para a sogra todos precisam não só de um companheiro para a carne, mas também de um companheiro para a alma, ou seja, não somente sentir desejo como admiração também. Pois, o ser humano precisa saciar a necessidade de relacionamento fraternal e intelectual. Esse é o amor da alma, sem relação com o amor carnal.

Ao falar em amor carnal que a carne seria o mal e atrapalharia as relações conjugais. A fala de Olímpia remete à bíblia. Pois, a bíblia também traz essa ideia de que as relações baseadas somente nos desejos sexuais, ou seja, desejos carnis seriam vazios de sentimentos e portanto condenados por Deus. E é esperado que a sogra usasse passagens da bíblia para explicar os pensamentos

dele em relação ao casamento, pois a sociedade brasileira do século XIX era predominantemente católica.

Portanto, eles deveriam ter o hábito de ir à igreja, rezar, ler a bíblia e se confessarem com o padre. Então, a religião possuía um espaço muito grande na vida das pessoas naquela época: “Foi na bíblia, foi nessa inesgotável fonte de consolações para os que sofrem, foi nesse eterno poema de amor, que me orientei sobre o único caminho que tinha a tomar.” (AZEVEDO, 2001, p.75)

Olímpia acredita que a monogamia não era o problema para o casamento, porém sim a forma de exercê-la. Para ela, era necessário haver certas ausências por parte dos cônjuges, para que não tornassem tão íntimos a ponto de haver um esgotamento por parte de ambos e também para não acabar com a imagem perfeita do outro. Pois, com a falta de privacidade, os dois dividiriam os seus momentos pessoais e isso faria com que perdessem o encanto em relação ao outro.

Depois da lição dos capítulos XII e XV do levítico, convenci-me de que o mal do nosso casamento não estava precisamente na monogamia, mas só no meio de exercê-la; convenci-me de que um marido, para não perder a ilusão do seu amor conjugal, precisa afastar-se da mulher em certas ocasiões. Eis tudo! (AZEVEDO, 2001, p. 76)

A forma como a sogra fala os pensamentos dela. Com o ar de autoridade e com propriedade faz de acordo com a fala da bíblia que chega a ser intimidador, pois passa a impressão de carregar uma grande verdade e que esta é inquestionável, portanto a eloquência da bíblia é imponente e isso influenciava a maneira que os pais tratavam os filhos, por causa dos ensinamentos bíblicos que os mais velhos são mais sábios e o que eles diziam teria que ser respeitado. A seguir há um trecho da bíblia que mostra isso: “Não repreenda severamente um homem idoso ao contrário,

aconselhe-o bondosamente como a um pai; aos jovens, como irmãos; às mulheres idosas, como as mães; às jovens como as irmãs, com toda a castidade” (Bíblia. 1Timóteo, 5: 1)

Ao ler o livro da sogra fica evidente a influência que a religião possuía sobre o casamento, a ponto de Olímpia achar que havia cometido um pecado beijar o próprio marido mesmo, às vezes estando enojada e entediada dele.

Entretanto, quantas vezes, ainda na lua de mel, não me revoltei contra mim mesma e não amaldiçoei as rebeldias do meu coração, por não poder evitar que, a despeito da minha traiçoeira afabilidade externa, o enojo repelisse no meu íntimo as carícias que nessa ocasião me dava meu marido? (AZEVEDO, 2001, p. 26 e 27)

Provavelmente influenciada pela religião, Olímpia sentia-se mal ao dispor momentos íntimos com o marido mesmo, às vezes estando cansada dele. Ela usa termos bíblicos, como: “Que blasfêmia” ou “Me prostituí”. Isso prova que as pessoas da época eram muito afetadas pela religião, sobretudo católica.

O cristianismo regia o modo de pensar e ser da sociedade brasileira do século XIX. E, Olímpia e Virgílio foram doutrinados com esse pensamento a ponto da esposa mesmo estando beijando o marido enojado dele, sentir-se mal por pensar que está cometendo um pecado por isso e por outro lado, acontecia ao marido o mesmo.

Era uma época de repressão dos sentimentos, inclusive no casamento e mesmo o esposo ou a esposa nem sempre desejando um ao outro, se prestavam a ser relacionarem. Porém, naquele momento do matrimônio, um continuava a amar o outro.

Ah! Ele não percebia a verdade, porque eu com uma hipocrisia, que nesse tempo acreditava honesta e generosa; uma hipocrisia, que eu supunha fazer parte dos meus deveres de boa esposa, obrigava meus olhos, meus lábios, meus braços, meu corpo inteiro, a

mentirem, representando sem vontade essa cousa inconfessável, ignóbil, que me tinham feito acreditar, secretamente, que era “o amor”. Que blasfêmia! E mais – que era “o matrimônio”. Que desilusão!

Oh! Quantos sorrisos, quantos suspiros de volúpia e quantos beijos dados por mentira, meu Deus! Oh! quanto me prostituí nos braços de meu marido! (AZEVEDO, 2001, p. 27.)

Porém, a única pessoa com quem ela não se entediava era a filha Palmira, a quem ela dedicava muita estima. Aluísio pode ter colocado as duas relações para comparação, a relação entre homem e mulher e a relação entre mãe e filha que não possui o desgaste que a relação entre homem e mulher tem. O amor materno estaria acima de qualquer tédio natural de uma relação a dois.

Amei-a mesmo antes que ela nascesse, amei-a cada vez mais durante a existência, e creio que ainda a amaria sempre depois da sua morte. Nunca neste amor descobri as falhas de tédio, de cansaço, e até de absoluto enjôo, que infelizmente, logo desde o começo da minha vida conjugal, descobri no amor que eu votava ao meu bom e querido esposo. (AZEVEDO, 2001, p. 26)

No capítulo dois do livro há no início um trecho do escritor francês Blaise Pascal: “La nature a des perfections pour montrer qu’ elle est l’image de Dieu, et des défauts pour montrer qu’ elle n ‘em est que l’image.”<sup>3</sup>

Com essa introdução com o trecho do livro de Pascal, “Pensamentos” do século XVII e que fala sobre Deus e inclusive é uma obra de cunho religioso. Aluísio pode ter colocado essa obra como referência no livro de uma sogra para reforçar o papel que a religião teve na vida da mãe de Palmira. E é interessante pensar que é

---

<sup>3</sup> Tradução: “A natureza tem perfeições para mostrar que ela é a imagem de Deus, e tem defeitos para mostrar que é senão apenas uma imagem.”

nesse capítulo que ela fala do início do casamento dela com Virgílio e que há palavras que remetem à bíblia.

E é nesse capítulo que há o título “Manuscrito de Olímpia”, é nesse capítulo que ela começa a escrever no diário. E que assim como a imagem de Deus, ela seguir todos os tramites para se casar e ser feliz no casamento, nesse momento ela se assemelha à imagem de Deus, porém depois ela começa a desabafar no diário sobre esse mesmo casamento em que começou conforme às regras sociais de época. Esse desabafo é sobre o lado ruim do casamento e isso reflete o lado humano e não divino.

É interessante este capítulo obter essa passagem do livro “Pensamentos” de Pascal, pois na primeira parte deste capítulo, Aluísio escreve sobre a vida de Olímpia, falando das coisas boas da personalidade dela e dos dotes apreendidos na mocidade.

Eu, pelo meu lado, - inocente e pura, educada sob os mais austeros exemplos de moral e virtude, tendo feito a minha aprendizagem doméstica sem prejuízo dos meus pequenos dotes sociais; sabendo coser, como sabendo bordar; dirigir o serviço dos criados, governar uma casa, como sabendo tocar piano, receber visitas e dançar uma valsa; e mais: tinha boa ortografia, alguma leitura, que não era composta só de maus romances, um pouco de francês, um pouco de inglês, um pouco de desenho, sessenta contos de dote, princípios religiosos... (AZEVEDO, 2001, p. 22 e 23)

Na segunda parte do capítulo, já há o lado ruim do casamento que trata do tédio do casal já citado anteriormente. Isso é como se fosse uma ligação da primeira parte do capítulo à primeira parte da frase de Pascal “A natureza é dotada de perfeições para exprimir a imagem de Deus”. E a segunda parte do capítulo que

aborda uma fase ruim da vida de Olímpia se liga a segunda parte da frase: "... e de defeitos para mostrar que é apenas a imagem".

No capítulo três do livro há a carta do marido de Olímpia que ela lê após a morte dele. Em um trecho da carta, ele cita Santo Agostinho com a frase: "Castus est qui amorem amore, ignemque igne excludit".

Esse trecho trata das questões do adultério, está carta fala da visão dele em relação às vezes que ele não sentir desejo pela mulher dele, ou seja, àquele tédio que também acometeu Olímpia no capítulo anterior. E os desejos que ao invés de sentir pela esposa, ele sentiu por outras mulheres e quando isso se dava ele estava dormindo ao lado da esposa e isso do mesmo que em pensamento. Virgílio usa a frase de Santo Agostinho para justificar o fato de que mesmo pensando em outras, ele se deitou com a esposa. Pois, a frase de Santo Agostinho diz que "Casto é aquele que com amor exclui amor, e com o fogo, fogo": "Oh! Que me perdoes, Olímpia, as vezes que em ti matei desejos que vinham de outras mulheres!" (AZEVEDO, 2001, p. 23)

## CONCLUSÃO

A obra de Aluísio Azevedo “O Livro de uma Sogra” além de trazer novas formas de ver a carreira do escritor Aluísio de Azevedo que trouxe um novo tipo literário. Renovou a literatura da época. Quando Aluísio dá voz a uma mulher e expõe a perspectiva feminina. E isso inspira outros autores em um tempo em que a mulher não possuía vez em nenhuma área. Pois, não era considerada confiável herança esta que se propaga há muitos séculos.

Embora, o enredo trate de assuntos já conhecidos dos leitores do século XIX, como o casamento na burguesia e o papel das mulheres na sociedade. Azevedo fala através de uma mulher, a personagem principal do livro, Dona Olímpia que prova que o amor de uma mãe pela filha é capaz de fazer. Mas, a história trata de uma nova forma de ver o casamento. Dona Olímpia chega à conclusão, depois de ler vários livros e manuais da época que para se obter a verdadeira felicidade é necessário unir os amores fraternal, intelectual e carnal em uma só pessoa. E não foi só isso, para a sogra, os cônjuges não poderiam conviver sempre juntos, pois isso acarretou em um matrimônio entediante e assim frustraria o casal. A Olímpia decide pôr em prática o que aprendeu e dá certo o casamento da filha. Porque a preocupação de Olímpia e do pai da filha dela, Virgílio era com a felicidade da filha, Palmira. A sogra se separar do marido e para evitar mais uma separação na família, Olímpia empenha-se em arranjar um bom esposo e que tivesse os critérios que Olímpia colocasse.

Outra questão que motivou Aluísio a escrever esse livro foi a polêmica que existia na época em que tratava do conceito entre separação e divórcio. Aluísio não

assume um lado, pois, provavelmente, a intenção dele era somente levantar um debate em relação a isso.

A Olímpia escreve no diário a trajetória de casada e de mãe. E isso foi muito importante porque ela deixou registrada para a família a forma dela de pensar, um manual de casamento, em que ela acreditava dar certo e uma época.

É interessante que Aluísio, embora, sendo homem e vivendo em uma época com valores machistas, possa ter escrito uma obra com tamanha sensibilidade. E que mesmo não sendo mulher consegue abordar questões, realmente, femininas. Em que há por parte das mulheres uma identificação.

Aluísio traz uma inovação na própria carreira, chamando atenção de escritores muito consagrados, como Machado de Assis e outros. Que tiveram de se render a um novo olhar de percepção de Azevedo em relação à sociedade brasileira do século XIX.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Garnier, 1899

AZEVEDO, Aluísio. *Livro de uma sogra*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.p:  
256.

MÉRIAN, Jean-yves. Aluísio Azevedo: vida e obra (1857-1913). Rio de Janeiro:  
Fundação Biblioteca Nacional: Garamond, 2013.